

# JESUS

## *- Paixão e morte de Jesus Cristo –*

**Augusto Pires da Mota**



**Tecto de Nuvens**

## Dedicatória

Dedico esta obra às paróquias de Vila Marim e Mondrões, concelho de Vila Real, nas quais deixei retalhos significativos da minha vida e, com eles, o símbolo daquilo que mais nobre e digno tem um homem, o coração, relicário de sentimentos, alguns tão lídimos e puros, tão profundos e secretos, que só Deus conhece e nos acompanham até à sepultura.

São motivações de ordem intelectual e religiosa, afetiva e sentimental. Santo Agostinho levantou a ponta do véu ao dizer: «Não se deixa, sem dor, o que se possui com amor.» Disse Jesus: «Não vos deixarei órfãos, ficarei, sempre, na vossa companhia.»

Este livro, que dedico às pessoas daquelas terras, que me são tão queridas, leva-lhes o meu pensamento, a minha fé e a minha alma; é símbolo do que sou perante Deus e perante os homens. É a companhia, que, fisicamente, não lhes posso dar, como outrora.

Com aquelas pessoas partilhei grandes sacrifícios, trabalhos, aflições, sofrimentos, amarguras e alegrias. No Domingo de Ramos ou em Sexta-feira da Paixão, como a Virgem Maria, Madalena, Verónica, o Cireneu e as mulheres de Jerusalém, essas pessoas estiveram sempre presentes no meu Calvário.

Valeu a pena? «Tudo vale a pena, se a alma não é pequena.»

A maior alegria que essas pessoas me dão é vê-las, ainda hoje, nas catequeses, liturgias, obras de apostolado e bem-fazer, como outrora, levando a comunhão aos doentes, servindo a Igreja local e edificando os vizinhos, com o seu perfil de homens cristãos íntegros e coerentes com a fé, que professam.

A presença daquelas pessoas, na promoção dos meus livros é sinal da dedicação e sinceridade, que sempre lhes reconheci, saudosa memória dum caminho, salpicado de lágrimas, percorrido de mãos dadas.

«Amor com amor se paga», diz a parémia e a amizade, quando é sincera, quando brota do coração, não se destrói, redobra de intensidade.

A dedicatória desta obra é prenúncio e símbolo de gratidão maior, quando os desígnios insondáveis de Deus se realizarem, definitivamente.

## Prefácio

Somos discípulos de um “marginal”, de um homem condenado à morte, que morre numa cruz, como um maldito, depois de ter passado, pela terra dos homens, a praticar o bem.

Nasceu pobre, num curral de animais e morre numa cruz, despojado dos seus vestidos. Nem quatro metros quadrados de terra tem para a sepultura do seu corpo. Despede-se deste mundo a perdoar a quem o crucifica. O eco das suas palavras repercute-se na vida de todos os homens, como um veemente apelo à conversão: «Quem quer vir após Mim desprenda-se de tudo, até de si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me», para, nela, ser crucificado comigo.

«O discípulo não é mais do que o Mestre: Se Me perseguiram a Mim, também vos perseguirão a vós.». «Eu completo, na minha carne, o que falta à paixão de Jesus Cristo», diz S. Paulo.

A vida de qualquer pessoa tem um Domingo de Ramos e uma Sexta-feira da Paixão, isto é, dias de tudo e vésperas de nada: dias cor-de-rosa, de grande euforia, com o sol a brilhar, despertando a vontade de louvar a Deus e partilhar com os outros e dias sombrios, de nevoeiro cerrado, dias de treva, em que a vida se apresenta mais madrastra do que mãe.

A cruz, por vezes, roça pela nossa carne, deixando-a a sangrar.

*Terminaremos esta série de considerações, com o título genérico de “Jesus” com a publicação de «- Do fracasso de Deus à Glorificação -», para regressarmos ao princípio: a encarnação, nascimento e vida pública de Jesus Cristo, com o título: «O Mistério de Cristo».*

*Por conveniência de trabalho, começamos pela «- Paixão e Morte de Jesus -», que tem uma segunda parte em «- Redenção -».*

## Previsão da morte de Jesus

A paixão e morte de Jesus estavam previstas e preditas, desde longa data. Mais de cinco séculos antes, Isaías 53, 2-12, com o Cântico do Servo de Javé, traçara o perfil de Cristo, homem das dores, sobre o qual cairia o castigo, que havia de restituir a paz.

Zacarias afirmara: «Voltarão os olhos para aquele a quem trespassaram». David descreve a Páscoa sem omitir qualquer pormenor: «Trespasaram as minhas mãos e os meus pés e contaram os meus ossos. Dividiram, entre si, as minhas vestes e deitaram sortes sobre a minha túnica».

Jesus repreende a inquietação e desorientação dos apóstolos, ao dizer aos discípulos de Emaús: «Estultos e tardos de coração, para compreender o que os profetas tinham predito. Acaso não era necessário que Cristo padecesse tudo isso e assim entrasse na sua glória?».

«Se o grão de trigo não morrer, não produz». J0 12, 24.

Jesus referiu-se, antecipadamente, à sua morte.

Ao transfigurar-se no Tabor, falava com Moisés e Elias deste acontecimento: «Os três falavam da sua morte, que devia realizar-se em Jerusalém». Pedro, Tiago e João testemunharam.

Na promessa do Primado de Pedro, o Senhor manifesta o desejo e a necessidade de morrer por todos. «Tenho de ser batizado com um batismo de sangue e sinto-me ansioso à espera de o realizar», Lc. 12, 50.

Era necessário mergulhar no batismo do seu sangue, para nos purificar dos pecados e Jesus ardia em desejo de ver chegada essa hora de paixão e morte, diz S. João, em Ap. 1, 5.

Simão Pedro acabara de proclamar, inspiradamente, o significado messiânico da vinda de Cristo à terra: «Tu és o Filho de Deus vivo».

O Senhor recompensa a confissão do apóstolo, prometendo-lhe a suprema autoridade sobre a Igreja: «Tu és Pedro e, sobre esta pedra, edificarei a minha Igreja. Tudo o que ligares na terra será ligado nos céus».

Conhecedores da natureza divina, em Cristo, os apóstolos viviam na doce expectativa de louros, puramente humanos, que andariam relacionados com aquele acontecimento.

Era necessário desfazer o equívoco. Desde este momento, o Senhor começa a falar, claramente, da necessidade de se deslocar a Jerusalém

## Causa próxima da morte de Jesus

É incorrecto dizer que Jesus Cristo teria escolhido, deliberadamente o caminho do sofrimento, em obediência à vontade do Pai. Esta versão é inaceitável para o Deus dos cristãos, embora possa estar de harmonia com as divindades do paganismo.

A morte de Cristo deve-se à perseguição que lhe moveram os seus inimigos, por ele ter escalpelado os vícios dos poderosos e ter defendido os mais carenciados, os explorados pela usura daqueles. Jesus sempre se afirmou como o defensor intransigente de pobres e marginalizados, das vítimas da exclusão social, daqueles que, ainda hoje, continuam a ser sacrificados pela fome, pela miséria, pelo desemprego.

Neste sentido, pode dizer-se que Cristo se expôs voluntariamente à morte, colocando-se em circunstâncias, que a provocaram.

Jesus suporta a malícia dos homens, que lhe armam ciladas, para o comprometerem, perante a sociedade: - «É justo pagar o tributo a César?», perguntam-lhe os fariseus. «Hipócritas, porque me tentais?» «Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus», responde o Senhor.

Ficaram célebres os conflitos e dissidências de Jesus em relação aos fariseus e doutores da lei mais preocupados com o cumprimento de todos os pormenores legais do que com a justiça e caridade para com os mais desprotegidos: «Ai de vós escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e dos cominhos e deixais o que é de maior importância na lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade.

Estas são as coisas que devíeis praticar, sem omitir aquelas. Guias cegos que filtrais mosquitos e engolis camelos», Mat. XIII, 23-24.

Lucas XI, 42, transcreve em paralelo: «Ai de vós fariseus, porque pagais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as plantas hortenses e descurais a justiça, o amor de Deus», amor da verdade, que liberta e conduz à vida, ao arrependimento.

Com esta frontalidade, Jesus belisca os estratos sociais mais favorecidos, sujeitando-se, voluntariamente, à morte.

A morte de Jesus tem uma motivação religiosa, ao situar-se no lugar da lei e da tradição e em muitas ações que sempre foram atribuídas a Deus, como o poder de perdoar pecados. S. João recolhe o depoimento

## Domingo de Ramos

O Senhor entrou, triunfalmente em Jerusalém, como um rei humilde, que tem, por trono, o dorso dum jumentinho. Muitos viram em Jesus, bifurcado num animal tão humilde, uma bênção de Deus, porque vinha em nome d'Ele e, por isso, crianças e adultos irrompem, espontaneamente, em hossanas de louvor: «Bendito seja o que vem em nome do Senhor.»

Montado num burrito é uma forma singela e popular de triunfo. Forma um pouco estranha de triunfar, bem diferente daquela a que alude a Sagrada Escritura, a propósito dos Macabeus, capitães valorosos. O Senhor triunfou, montado num burrico e não num cavalo bem jaezado, como era apanágio dos grandes exércitos e conquistadores.

O povo gritava, agitando palmas e ramos, arrancados às árvores. Foi uma atitude quase instintiva, espontânea, irrefletida, infantil, nascida da iniciativa de algumas pessoas, que, facilmente, alastrou pela multidão, como um incêndio em palheiro velho. Gritavam as crianças e os discípulos estendiam as capas, ao arpeio dos próceres ou notáveis de Israel, sábios e piedosos que protestavam, porque todo esse aparato exterior não tinha sido autorizado, era ilegal.

Curioso triunfador bifurcado num burrico, a montada mais humilde, Jesus entra em Jerusalém, aclamado pelo povo simples, o que não agrada aos peritos da religião e aos bem instalados na vida, bafejados pelo poder, bezerrinhos mamões, nos peitos da mãe pátria.'

O povo tem a lógica do bom senso e o instinto da verdade; no seu sentimentalismo, intui a verdade e não resiste ao desafio, salta a terreiro, entre palmas e hossanas e, se ele se cala, até as «pedras do caminho se levantarão» para ovacionar «Aquele que vem em nome do Senhor».

No Domingo de Ramos, aclamam-n'O como Messias e, na sexta-feira seguinte, crucificam-n'O como blasfemo.

O drama que teve Cristo como protagonista desenrola-se, com as mesmas personagens, em Domingo de Ramos e Sexta-feira Santa da Paixão. O povo é o mesmo, a esgoelar-se em gritos desvairados: «Não o queremos como rei, crucifica-O, solta Barrabás. A psicologia das multidões é variável, ao sabor dos ventos e marés, vai para onde sopra a rajada.

## Do Cenáculo ao Getsêmani

Pedro sabia que a morte de Jesus era necessária, mas intrigavam-no as circunstâncias em que essa morte se realizaria, dado que o Senhor se referia a ela sob um peso descomunal de tristeza.

Pedro não pode nem deve abandonar o Mestre, nesse trágico momento e interpela, afoitamente, o Senhor, dando início ao fogo cruzado de perguntas e respostas: «Para onde vais, Senhor?» - «Para onde eu vou, tu não podes seguir-me ainda, seguir-Me-ás mais tarde».

Era necessário preparar-se para o martírio, passar pelo cadinho do sofrimento, na luta de todos os dias, contra os inimigos de dentro e de fora.

- «Eu darei a minha vida por ti...»), disse o apóstolo com o estômago aconchegado por uma succulenta refeição, regada por um falerno capitoso.

Pedro pressentira o drama que ia desenrolar-se, morte violenta. Defender Cristo até à morte ou morrer com Ele, é o grito do seu amor.

Do coração vibrante do apóstolo brotava a aspiração de todos os que amam: morrer no lugar do Senhor e, se a sua morte não pode substituir a do Mestre, então, morrer com Ele. A vida do Apóstolo não tinha sentido sem a de Cristo.

A resposta do Senhor não deixava margem para dúvidas: «Esta noite, serei para todos ocasião de escândalo».

- «Ainda que todos te abandonem., eu jamais te abandonarei». Simão Pedro repetiu, a seu modo, a frase do fariseu, que rezava no templo, de braços abertos: «Dou-vos graças, Senhor, por não ser como os outros homens...»

O Senhor esclarece que o abandono, a que se refere, estava previsto pelo profeta: «Ferirei o pastor e as ovelhas dispersar-se-ão».

O Mestre já não chama o apóstolo por Pedro, a rocha inabalável, mas pelo nome do nascimento: «Simão, Simão, eis que Satanás vos reclama para vos joeirar como trigo».

Os apóstolos serão sacudidos, violentamente, pela tentação, mas todos juraram fidelidade.

Na última ceia, Jesus, depois de ter lavado os pés aos apóstolos, recomenda a caridade fraterna, vínculo e distintivo da pequena

## Julgamento de Jesus

Jesus sujeitou-se a um julgamento iníquo.

Em tribunal, não tem quem o defenda, os amigos fogem, negaram-n'O e atraçoam-n'O. Cristo está só, de pé, em pleno tribunal, na integridade da sua pureza e na transparência da sua verdade, perante aqueles que O acusam de impostor, embusteiro, blasfemo, demagogo e charlatão, e é esbofeteado por um criado do Sumo-sacerdote: - «Se falei mal, diz-me em quê e, se bem, para que me feres?» responde o Senhor, qual cordeiro humilde condenado ao matadouro.

Quem não deve não teme. Jesus não está só, porque está em nome da verdade.

Ainda que todos O abandonem, atraçoem ou intriguem, Jesus está sereno, não está só, porque está com a verdade. Podem obrigá-l'O a curvar a frente, mas não a vergar a consciência.

Está só quem O abandona, quem O nega, quem O atraçoia, quem foge ao testemunho da sua verdade. Esse não está íntegro, ainda que ninguém o acuse, acusa-o a consciência e o remorso que o leva ao desespero. Judas enforca-se.

Para lá de todas as acusações, Deus vê a inocência, para lá de todas as intrigas, Deus vê a verdade do coração e quem não quer a verdade nunca poderá ser juiz.

«Só a verdade liberta», diz S. Paulo aos Gálatas.

Caifás não precisa de testemunhas para condenar o Senhor, pois dos próprios lábios do acusado ouve a «blasfémia», que acarretará uma sentença de morte: «És tu o Filho de Deus, cujo nome é bendito? - Eu sou». «Vereis o Filho do Homem, sentado à direita da onipotência de Deus, vindo nas nuvens dos céus» Mt. 26,63.

Simão Pedro afirma, solenemente, a divindade de Jesus: «Tu és o Filho de Deus vivo» Mt XXVI, 63.

Só o Filho de Deus tinha o poder de perdoar pecados e o Senhor afirma categoricamente: «Para que saibais que Eu tenho o poder de perdoar pecados, Eu te digo (paralítico), toma o teu leito e caminha».

Jesus afirmara na Sinagoga: «Eu e o Pai somos um só. Então os judeus apanharam pedras para O apedrejarem. O Senhor respondeu-



## Flagelação e coroação de espinhos

«Apresentei as costas àqueles que me batiam e as faces aos que me arrancavam a barba; não desviei o meu rosto dos que me insultavam e cuspiam. Mas o Senhor Deus veio em meu auxílio e, por isso, não fiquei envergonhado; tornei o meu rosto duro como pedra e sei que não ficarei desiludido». Is. 50,4-7. 3º. poema relativo ao Servo de Javé.

Nem a flagelação nem a crucifixão se impunham aos cidadãos, os quais eram açoitados com varas, a chamada verberação. A flagelação, castigo bem pior, estava reservada aos escravos e não aos cidadãos romanos. As varas eram substituídas por tiras de couro, o chicote ou azorrague, encimado com esferas ou pontas metálicas.

A flagelação era um sacrifício tão bárbaro que o próprio Cícero se lhe refere em termos de grande crueldade, ao comentar o suplício de Servílio com vergastadas em tronco nu e bastonadas pelos olhos, caindo e sendo levado, em braços, para fora do tribunal.

Os soldados colocaram na cabeça do Senhor uma coroa de espinhos e sobre os ombros uma clâmide velha de soldado e, dobrando os joelhos, prostravam-se diante d'Ele, dizendo, por escárnio: «Salvé ó Rei dos Judeus!» Batiam-lhe na cabeça com uma cana e cuspiam-lhe na face. Jo. 19,2-3; Marcos 14; 17-19.

A coroação de espinhos teve a intenção premeditada de ridicularizar e humilhar o Senhor. Jesus dissera a Pilatos que era rei, mas ninguém O levou a sério, ninguém acreditou. Por isso, fazem dele um rei de comédia, um rei de opereta, um palhaço, um bobo escarnecido. Insulto requintado e humilhante. Outros vendam-lhe os olhos e estampam-lhe bofetadas no rosto, dizendo, em insolente desafio: «Adivinha, Cristo, quem te bateu». Outros ainda, entre baforadas de fumo, gozavam com o espetáculo.

Luís XVI, rei de França, foi encarcerado com a família. Quando pedia para sair ao jardim, o carcereiro, de cachimbo na boca, lançava à cara do Rei, da Rainha e da Princesa baforadas de fumo. Os guardas humilhavam e ridicularizavam as pessoas, como se fossem bobos desprezíveis.

A soberba é a sensualidade da alma e está na base de todos os crimes (a luxúria é a sensualidade do corpo). A soberba provocou o pecado dos anjos e dos nossos primeiros pais.

## A caminho do Calvário

Para os romanos e judeus não havia demora entre a proclamação da sentença e a execução.

Cerca do meio-dia de sexta-feira do mês de Nisan, o cortejo sai da Torre Antónia em direção ao Calvário, que distava uns quinze minutos de viagem a pé.

Calvário era um lugar fora das muralhas de Jerusalém, onde crucificaram o Senhor. Do latim “calvarius” é a tradução da palavra aramaica “Golgotha”.

À frente, o centurião, que presidia, depois o arauto, que proclamava o motivo da condenação, a seguir a vítima, o cruciferário, ladeado pelos soldados que seriam os carrascos executores dá sentença, atrás o povoleu amotinado pelos membros do Sinédrio, que o acompanhava

Os elmos, as lorigas e as lanças reluzentes da Legião Romana cercam o condenado, na tentativa de evitar o pior, antes de se cumprir a sentença.

A procissão da dor passa entre duas muralhas de indiferença ou ódio.

Arrastando, penosamente, a cruz do sacrifício, Jesus começa a caminhada pela via da amargura.

Vamos, cruz amiga. Caminhemos com Ele, pois «Quem não toma a sua cruz e O segue, não é digno de ser seu discípulo».

O Senhor carrega a cruz, mas não está de acordo com ela, não a aprova, embora as circunstâncias O obriguem a aceitá-la. «Meu Pai, afasta de mim este cálice». É um grito de rebelião contra as forças da injustiça, presentes nos sistemas de domínio que provocam a exclusão e o sofrimento.

Ao carregar a cruz, o Senhor decreta a falência deste tipo de martírio, para resgatar os valores pelos quais sempre lutou.

Jesus, debilitado com a flagelação e a coroação de espinhos, depois dum julgamento extenuante, caminha, lentamente, debaixo do madeiro, que lhe deu a morte.

Pessoas vindas de toda a parte para celebrar a Páscoa e ver o condenado, cuja fama ultrapassara os limites da Judeia, Galileia e Samaria, transformam-se em multidão nas ruas de Jerusalém. Muitos assomam às portas e janelas, curiosos do espetáculo, que as autoridades civis e religiosas, em conluio, lhes proporcionam.

## Despojado dos vestidos

Despem o Senhor na praça pública e deixam-n'O reduzido à vergonha da sua nudez. Qual árvore açoutada pelo vendaval, sem folhas, sem ramos, tronco nu, é exposto aos olhos cruéis e risos sarcásticos da plebe embrutecida. – A nudez é a expressão maior da pobreza. - Não vejo nele crime algum» proclamou o tribunal e, no entanto, é tratado como um louco. Irrisão e escárnio da plebe. É a paixão da sua delicada sensibilidade. Os soldados, vadios, prostitutas, gente das vielas riem, misturando à agonia do inocente o fel das suas gargalhadas e o vinagre dos seus comentários impiedosos.

Para quem se preza pela sua dignidade o ridículo agride mais do que uma bofetada. Reduzido à extrema simplicidade da sua nudez, Jesus é, agora, o mártir de todas as dores.

O mundo aprende, aqui, que há-de morrer como nasceu: «despindo-se de todas as fantasias, desfazendo-se de todas as máscaras, deixando cair todas as hipocrisias, renunciando a todas as mentiras». Cada um ficará reduzido àquilo que é.

A morte é mestra, diz Sto. Agostinho, ensina a viver. Nesse momento, todos hão-de aprender a conjugar o verbo deixar: as mãos largarão os tesouros que apertam, coroas de pedras preciosas resvalarão das cabeças, a avareza de todos os cofres encerrados no coração de nada valerá, nada disso terá sentido. «Nu vim à vida e nu desço à terra», Job.

O que cada um for ficará para sempre na casa da eternidade.

Jesus tinha sido tratado como um louco, irrisão e escárnio da plebe, ao ser vestido de branco e obrigado por Herodes a percorrer as ruas da cidade até ao Pretório de Pilatos. Lc. 23.

Agora, é despojado dos vestidos, que o identificam com uma nação, com um povo e com uma cultura, para aparecer como um criminoso vulgar, que é obrigado a despir-se na praça pública diante de todos.

«... Repartem entre si os meus vestidos e lançam sortes sobre a minha túnica». Salmo 21, 1-22.

Os penhoristas do Calvário arrancam-lhe os vestidos, deixam-lhe o tronco nu e fazem batota, deitam sortes. «Saí nu do seio materno... e nu para lá voltarei», dizia Job, 1,12.

## Crucifixão

O povo gritava que não O queria como Rei, preferindo o domínio dos romanos e, finalmente, numa atitude de profundo e escandaloso desprezo, grita, a plenos pulmões, a tremenda blasfêmia, cujo eco se repercutiu, ao longo dos séculos, por montes e vales: «Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos.»

Foi esta a resposta à decisão hedionda que acabaram de assumir: «Solta Barrabás, crucifica o Nazareno. Não queremos que Ele reine sobre nós.

Muitos escutaram-n'O e deram a vida por Ele, mas também muitos gritaram: «Retira-O da nossa vista, crucifica-O, solta Barrabás, crucifica o Nazareno.» Todos estes viram realizado o seu trágico desejo, no Calvário.

Chegara a hora de ser crucificado, como um maldito, entre dois ladrões. Cristo estende-se na cruz: distendem-lhe os músculos, desconjuntam-lhe os nervos, desarticulam-lhe os ossos, desmembram e esfarrapam-lhe a carne. Ouvem-se as marteladas, os pregos trespassam o corpo e a madeira, saltam borbotões de sangue. Na cruz, o Senhor trava um duelo gigantesco entre a vida e a morte.

«Trespasaram as minhas mãos e os meus pés; posso contar todos os meus ossos». Salmo 21, 1-22

Ao ouvir as marteladas, a multidão ululante vomita clamores, blasfema enfurecida, ávida do espetáculo final, que já tarda. «Uma turba de malfeitores me cerca». Salmo 21, 1-22

A crucifixão era, no dizer de Cícero, «o mais cruel e aterrador suplício» (*crudelissimum teterrimumque supplicium*). Não existia nas leis judaicas, embora os cadáveres dos condenados, em casos de extrema gravidade, se pudessem expor no alto de um poste, até ao pôr-do-sol, Deut. XXI, 22.

Vários povos, além dos romanos, praticavam a crucifixão: egípcios, gregos, persas, etc. Em Roma, só os escravos e os grandes criminosos, principalmente os acusados de sedição, eram crucificados, num lugar onde as pessoas passavam, para causar maior impacto.

Os cadáveres eram devorados pelas aves de rapina, pois os romanos não os sepultavam ou, em última instância, eram despejados na vala comum.

## Pessoas intervenientes

No alto do Calvário, à hora da verdade, três grupos de pessoas rodeavam a cruz: aqueles que saboreavam a sensação passageira duma vitória aparente; aqueles que batiam no peito tocados pelo remorso; aqueles que amavam e foram fiéis até ao fim.

No Calvário, a multidão, salvo raras excepções, só aparece para achincalhar e não para reclamar justiça ou expressar gratidão.

O Senhor tinha anunciado um reino de justiça, paz e verdade, mas as pessoas não se mexem, quando Ele foi preso; tinha matado a fome e a sede, no deserto, a um povo debilitado e, na cruz, nem sequer uma gota de água lhe ofereceram.

Os pobres daquele tempo, como os pobres de todos os tempos, podiam virar o mundo para salvar o Senhor, com a força de quem nada tem a perder. Porém, não deram um passo para que a justiça se fizesse, contentando-se com as noites ao relento, nos degraus das escadas ou debaixo das pontes.

Para além do povo anónimo, Pilatos e os poderosos atuaram para salvaguardar os seus próprios interesses.

Pilatos, para quem a amizade de César era o valor supremo. Numa terra inimiga de Roma, com a história de algumas insurreições contra o estrangeiro dominante, não admira que o governador olhasse mais para a sua carreira política e para o seu próprio interesse pessoal do que para a justiça a praticar a um inocente.

Tendo o dever de governar apenas pensa em manter a ordem pública e contentar a César, ainda que para isso tenha de cometer uma injustiça.

O fim não justifica os meios. Foi criminoso Barrabás que assassina, mas também é criminoso o que tolera a injustiça e não defende a legítima liberdade dos homens. Se a lei, civil ou eclesiástica, é para manter a ordem, também é para dar protecção ao débil contra o forte, pois não há ordem, quando o forte oprime o mais fragilizado.

Pilatos viu apenas a sua posição, olha só para ele e decide-se pelos seus interesses políticos e pessoais, deixando o Nazareno nas mãos da multidão.

Foi um ato lúcido, que prostituiu a verdade e provocou o crime mais atroz da história.

# Índice

Dedicatória	5
Prefácio	7
Previsão da morte de Jesus	9
Causa próxima da morte de Jesus	11
Domingo de Ramos	17
Do Cenáculo ao Getsêmani	23
Julgamento de Jesus	29
Flagelação e coroação de espinhos	33
A caminho do Calvário	35
Despojado dos vestidos	45
Crucifixão	47
Pessoas intervenientes	51
Pregado na cruz, o Senhor perdoa	57
Pregado na cruz, o Senhor entrega-nos a sua mãe.	61
Mãe dos Homens	63
Mãe Dolorosa	67
Pregado, na cruz, o Senhor diz: “Tenho sede”	71
Pregado, na cruz, o Senhor exclama: “Meu Deus, por que Me abandonaste?”	73
Pregado, na cruz, o Senhor afirma: “Tudo está consumado.”	75
«Ecce homo»	79
Contemplação	87
«Assim nos amou»	91
Amor prolongado no tempo	101
Morte de Jesus	105
Soledade	113
Enterro e sepultura	121
Considerações finais	117
Índice	135